



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de premiação da 3ª edição do prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e lançamento da 4ª edição do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos do Milênio

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 24 de março de 2010

Bem, primeiro, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês da alegria de estar participando desta terceira edição do Prêmio, porque um dia eu fui a Porto Alegre, e em Porto Alegre o companheiro Olívio Dutra disse que eu tinha que visitar uma fábrica de um companheiro chamado Israel Tevah. O seu filho Daniel está aqui. É bom se levantar para todo mundo ver que você está aqui. Eu voltei de lá com a sensação de que era possível fazer algo mais para o nosso país. O que é que eu vi lá em Porto Alegre? Um empresário que tinha uma fábrica, se não me falha a memória, de roupa masculina, e que uma vez por ano ele dedicava a produção dessa fábrica para fazer doações. Os trabalhadores dedicavam as suas horas de trabalho, ele dedicava a matéria-prima e as máquinas, e se escolhia quem era que ia receber essa produção do dia. Às vezes era produção de roupa para creche, para hospital.

Eu voltei para cá com a sensação de que se eu conseguisse convencer a Volkswagen a dar um dia da produção dela para a sociedade, as empresas automobilísticas, e aí, refrigerante, guaraná, Coca-Cola e tantos outros aí, Pepsi Cola, sei lá, cada frigorífico dar um dia da produção de carne para o povo pobre comer... Eu fiquei sonhando com essa ilusão e eu acho que nós ainda vamos conseguir. Não é fácil a gente convencer todas as pessoas a serem solidárias, mas o exemplo que eu vi nessa fábrica, de um senhor que [com quem] eu não tinha nenhuma relação e que me convidou para ir à sua fábrica



ver esse trabalho, me deixou convencido de que nós precisaríamos criar alguma coisa para que nós pudéssemos atingir as Metas do Milênio.

Eu, pelo que conheço do mundo, as Metas do Milênio vão ser difíceis de serem atingidas em muitos países. Porque quando um país rico como os Estados Unidos perde na Organização do Comércio, para o Brasil, o subsídio para os produtores de algodão dos Estados Unidos e, em vez de ele aceitar a derrota que a Organização Mundial do Comércio impôs a ele, ele resolve, então, não cumprir a decisão, obrigando o Brasil a tomar decisões de retaliar em outros produtos, não é porque o Brasil brigou com os Estados Unidos porque a gente queria competir com o algodão brasileiro. Nós temos tecnologia para disputar com eles algodão e outros produtos agrícolas. O que nós queríamos, na verdade, era ajudar os países africanos. Alguns produzem, por ano, 400 toneladas de algodão, é o único produto de exportação, e eles precisam que os países ricos não deem subsídio para os seus produtores, para que o mundo rico possa comprar o produto desses produtores mais pobres.

Bem, então, tem muitos países que ficaram empobrecidos. Nós não conseguimos fazer o acordo da Rodada de Doha, na OMC, e não conseguimos fazer porque, depois de tudo pronto, teve uma divergência entre Estados Unidos e China, ou melhor, Estados Unidos e Índia, por conta das eleições que iriam acontecer naquele ano nos dois países. Os Estados Unidos, em novembro ou outubro, e a China... e a Índia, em março do ano seguinte. A gente parou, e até hoje a gente não conseguiu retomar a Rodada de Doha.

Então, na medida em que os países ricos passaram a vida inteira falando em livre comércio, em mercado livre, e muita gente acreditou, fez disso uma doutrina para tentar diminuir o papel do Estado aqui e em outros países, privatizaram tudo em nome do milagre que o mercado iria fazer, o que aconteceu, de fato, na economia mundial? O livre mercado era muito importante, Marcelo Déda, quando só eles poderiam vender para nós. Mas quando nós queremos mandar a nossa farinha de mandioca para lá – de



macaxeira ou de aipim, para alguns – ou nós queremos mandar os nossos aviões... porque tem muita gente que pensa que o Brasil é apenas produtor de suco de laranja, de minério de ferro e de soja. Eles não sabem que nós somos um baita produtor de avião, nós temos... agora temos a primeira fábrica de *chip* no Brasil, lá em Porto Alegre. Eles não sabem que este país é rico em matéria-prima, mas é um país que tem uma estrutura produtiva moderna, ainda não competitiva em igualdade de condições com algumas nações ricas tecnologicamente, mas o Brasil está andando a passos largos.

E o que nós queríamos era que o livre comércio permitisse a possibilidade de os países mais pobres terem acesso ao mercado dos países mais ricos. Não conseguimos. Não conseguimos porque um não quer abrir mão da agricultura... Eu lembro da quantidade de brigas que eu tive com o presidente Chirac, que não queria abrir mão do subsídio à agricultura dos produtores franceses; os americanos não queriam abrir mão dos produtores e do subsídio ao milho, aos produtores de outros produtos; e assim cada um tenta defender os seus interesses falando, para fora, em livre comércio, mas não exercendo a política de livre comércio quando se trata de dar a mesma oportunidade. Alguns países ricos, habilmente, eles dão alimento para os países pobres, não porque eles querem ajudar os países pobres, é porque os alimentos que eles dão são produzidos pelos seus produtores subsidiados. Assim, eles mantêm a produção, doando um produto que poderia ser comprado dos países... que os países ricos poderiam... pobres poderiam produzir.

Então, o mundo vai chegar a 2015, nós não vamos conseguir atingir as Metas do Milênio assinadas por todos os presidentes que foram às Nações Unidas. Essa é uma coisa triste. Eu acho que nós, no Brasil, vamos superar, e muito, até 2015, todas as Metas do Milênio estabelecidas pelas Nações Unidas por algumas razões, por algumas razões. O Brasil vive, eu diria, um momento quase mágico na relação entre sociedade e Estado, Estado e sociedade,



porque as pessoas começaram a acreditar que alguma coisa nova está acontecendo no país. E essa coisa nova que está acontecendo no país é apenas o fato de que o Estado brasileiro e o governo brasileiro passaram a acreditar que a sociedade tem um papel extraordinário para cumprir. A gente poderia pegar o Banco do Brasil como exemplo, a gente poderia pegar a Caixa Econômica Federal como exemplo, a gente poderia pegar o BNDES como exemplo, a gente poderia pegar várias instituições públicas de peso que algum tempo atrás agiam como se não tivessem absolutamente nenhum compromisso além daquilo que estava estabelecido na normatização da sua existência. Não tinha uma relação de acreditar no Brasil, de facilitar as coisas, de permitir que as coisas fluíssem com facilidade.

Hoje, se a gente for ver a política que tem no Banco do Brasil – DRS [Desenvolvimento Regional Sustentável] no Banco do Brasil –, se a gente for ver a política de inclusão bancária da Caixa Econômica Federal, se a gente for ver o BNDES... O BNDES, eu lembro que uma vez eu fiz uma pergunta ao BNDES. Eu perguntei para o presidente do BNDES, uma vez, muito tempo atrás: escuta aqui, entre eu dar entrada num projeto no BNDES e vocês conseguirem me liberar o dinheiro, em média, quantos dias demora? “Duzentos e setenta e cinco dias, em média”. Ora, se eram 275 dias, em média, significa que tinha projeto que demorava 350 e projeto que demorava 150 [dias].

Hoje diminuiu muito isso e eu penso que vai diminuir mais se as pessoas tiverem vontade de emprestar, porque houve um tempo em que emprestar não era nenhum negócio para a Caixa Econômica Federal, nenhum negócio para o Banco do Brasil, nenhum negócio para o BNDES. Havia um processo de desconfiança. Era preciso sentar em cima do dinheiro. Também porque esses bancos viviam sendo acusados o tempo inteiro. O Banco do Brasil esteve para ser privatizado quantas vezes, porque era um banco deficitário? A Caixa Econômica teve problemas sérios de sobrevivência, e o BNDES, quando emprestava muito, era R\$ 38 bilhões quando, no ano passado, emprestou R\$



139 bilhões. A gente, a gente não via, a gente não via, por exemplo... O BNDES só emprestava dinheiro para quem não precisava de dinheiro. Tinha que ser megaempresário e precisava ter tanta garantia, que se eu tivesse todas as garantias, eu não precisava de dinheiro. Pense, pense, Marcelo Déda, numa exigência de garantia! As pessoas desconfiavam que todo mundo era um pouco bandido, antes de acreditar que todo mundo era honesto.

Pois bem, essa política mudou. Eu tive o prazer de ir ao BNDES, lá naquela sede suntuosa do BNDES, lá no Rio de Janeiro, ver os catadores de papel assinarem um contrato de R\$ 200 milhões para financiar cooperativa de catadores de papel. “Catador de papel” era no tempo em que eles eram tratados como cidadãos de segunda classe. Hoje são catadores de material reciclável, porque não é apenas a modernização no empréstimo, é nas palavras.

Então, o que nós estamos percebendo é uma mudança de prática, de conceito e de relação neste país. Isso vale para a agricultura, sobretudo a familiar, isso vale para qualquer pessoa deste país. Nós... eu lembro do começo do nosso governo, a briga entre o BNDES e os bancos populares, porque os bancos populares queriam tomar dinheiro emprestado do BNDES a 1% para emprestar a 4%, e o BNDES achava “Que desgrama é essa? Como é que eu vou emprestar a 1[%] e vocês vão emprestar a 4[%]?” Era porque os bancos populares tinham que ter alguém para atender a pessoa que fosse pegar dinheiro, tinham que pagar o salário, e o BNDES não tinha uma rede bancária. O BNDES, ou o cara vai ao Rio ou não tem como pegar dinheiro. Depois é que nós criamos o cartão de crédito do BNDES, que precisa ser fomentado mais. Agora estamos abrindo o BNDES internacional. Estamos chiques, até Londres abriu um escritório do BNDES! Pensa que é chique? O do Uruguai não está funcionando direito ainda, não, mas vai funcionar.

Então, o meu discurso era este papelzinho amarelo com o nome do teu pai e o teu nome, Daniel, porque foram vocês que me inspiraram a propor a



criação deste prêmio das boas práticas. E por que é preciso um prêmio das boas práticas? Por que é preciso um prêmio das boas práticas? Porque no país, ultimamente, político só aparece nas páginas policiais. Você quase não vê uma matéria bem-sucedida, de um prefeito, neste país, só se tiver denúncia de corrupção.

Então, eu fiquei pensando: por que a gente não homenageia as pessoas, tanto de governo como da sociedade civil, que se dedicam a fazer as coisas da melhor forma possível? E este prêmio surgiu. Se ninguém cria uma coisa dessas para incentivar, as pessoas começam a ficar desacreditadas: “Será que é para valer?” Eu acho que a ONU precisava instituir um prêmio para cada país, a cada ano: a cidade de cada país que melhor teve uma prática deveria ser premiada. Porque parte das coisas que a gente vai resolver neste país tem que passar pelas prefeituras, tem que passar pelas prefeituras.

Eu digo isso, digo isso como alguém que já teve muito preconceito. Eu lembro que quando nós começamos o mandato, em 2003, que nós criamos o programa Fome Zero, nós começamos a discutir quem é que ia cadastrar. Aí aparece, ao meu lado, logo alguém que fala: “o movimento popular”, que pode fazer uma parte, mas não tem fôlego, nem estrutura para cadastrar milhões de pessoas no Brasil inteiro. Não tem nem gente, nem estrutura, não tem nada. O que é que nós fizemos? Fizemos convênios com as prefeituras, fizemos cadastros com as prefeituras, (incompreensível) com as prefeituras, e o povo pode se organizar para fiscalizar, que é muito mais fácil e muito mais funcional. E posso dizer para vocês que o programa Bolsa Família é, hoje, o maior exemplo de seriedade de cadastramento feito no Brasil. Nós, todos os anos, colocamos gente nova e tiramos, porque nós conseguimos descobrir, já, quem é que não está cumprindo corretamente as normas do Programa.

Então, ou nós evoluímos para tentar fazer com que os entes federados trabalhem juntos, o governador do estado cumpra com a sua função, o governo federal com a sua função, a prefeitura com a sua função, e toda a sociedade,



cada um cumprindo com um pedacinho, a gente consegue atingir o sucesso que nós estamos atingindo hoje.

Como eu ando muito pelo Brasil, eu posso dizer para vocês que nós vamos atingir as Metas do Milênio em todas as áreas, posso dizer para vocês. E, certamente, em algumas nós poderemos fazer muito mais do que o que está previsto, muito mais, porque eu acho que o Brasil, também, entrou numa rota de a gente gostar da gente mesmo. Não tem coisa melhor do que a gente se levantar de manhã de bom humor, se olhando no espelho – não precisa ser todo mundo bonito como eu, pode ser menos bonito –, mas a gente gostar da gente mesmo, a gente acreditar na gente mesmo.

Houve um tempo em que a gente não acreditava. Tudo o que era do Brasil não era bom, tudo que é aqui “não presta. O prefeito não presta, vereador não presta, os deputados não prestam, governador não presta, presidente não presta, a fruta não presta, a comida não presta, a roupa não presta, a contabilidade não presta”. Tudo que era bom era dos países ricos. Isto aqui era uma cultura de submissão que este país tinha adotado. A gente pensava que Portugal tinha saído daqui, mas não saiu; passou para Londres. A gente pensava que Londres tinha saído, mas não saiu; passou para os americanos. A gente pensava que eles saíram, mas não saíram. Eles só saem quando a gente faz como fizemos com o FMI. Paga o que deve e fala: não dá mais palpite aqui, que nós vamos cuidar do nosso nariz. Porque a autonomia de um governante é tudo. A autonomia de um prefeito, de um governador, de um presidente da República...

Como é que funcionava? Eu fui ao Congo. Para fazer uma estrada no Congo, o FMI não deixava. Não deixava, por quê? Porque tinha que cumprir o superávit primário ou porque tinha que guardar dinheiro para pagar a dívida do Congo com o FMI. Então, o presidente não tinha autonomia.

Então, como nós aprendemos, desde pequenos, a ser donos do nosso nariz... Aliás, por sermos donos do nosso nariz, companheiro Temporão, eu



assinei a medida provisória, hoje, da Secretaria Especial de Políticas de Saúde para os Índios. Eu ia deixar para assinar a [medida provisória da] Secretaria no dia 19, que é Dia do Índio, Dia Nacional do Índio, mas como eu percebi que ia ter muito índio aqui, eu falei: vai que algum está lá armado, e eu estou de peito aberto e me vem uma flechada de lá para cá... Eu falei: deixa eu assinar logo aqui. E assinei, então você já pode ficar tranquilo que já vai estar no Congresso. Já pode começar a funcionar a Secretaria imediatamente. Eu espero que a gente faça mais e melhor do que a gente fez, mais e melhor. A nossa responsabilidade agora é maior, porque antes você tinha alguém para culpar. Hoje é você, hoje é você, então... Nós, agora, vamos cobrar diretamente de quem de direito.

Então, Dulci, eu queria te dar os parabéns, porque eu acho que a gente chegar até onde chegamos foi importante, acho que isso é um estímulo. Eu vi aqui os prefeitos e a sociedade com orgulho, com as suas medalhinhas. Parecia Copa do Mundo! Se fosse dourada, era que nem a Jules Rimet. Mas eu vi o orgulho de vocês. Eu tenho certeza de que este prêmio que vocês receberam será um patrimônio na sede da entidade que conquistou e será um patrimônio na sede da prefeitura. Qual a prefeitura que vai ter vergonha do Ministério Público, e esconder o seu prêmio? Quando o Ministério Público for fiscalizar a prefeitura, ele vai, com orgulho, colocar o prêmio dele lá em cima, e falar: "Eu sou um ganhador de boas práticas políticas neste país. Portanto, me trate bem".

Eu... então, Dulci, eu acho que a gente tem que agradecer o trabalho da Secretaria-Geral. Muitas vezes, a gente chega em uma festa e está o bolo para comer, as moças para dançar, a gente não pergunta quem levou. E, neste caso, eu sei que quem levou... o coordenador foi a Secretaria-Geral da Presidência da República, eu sei do trabalho do teu pessoal. Portanto, parabéns, e espero, mesmo não sendo presidente, que eu seja convidado para o quarto prêmio que vocês vão entregar, das Metas do Milênio, aqui neste



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

auditório.

Um abraço. Parabéns. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)